



UFC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA KUABA

**ANA APARECIDA FERNANDES RODRIGUES, PATRÍCIA MACEDO VIEIRA E
KARLIANA FERNANDES RODRIGUES**

**AS REZADEIRAS E SUA IMPORTÂNCIA CULTURAL PARA A DISCIPLINA DE
ARTE, CULTURA, EXPRESSÃO CORPORAL E ESPIRITUALIDADE INDÍGENA**

NOVO ORIENTE

2023

ANA APARECIDA FERNANDES RODRIGUES, PATRÍCIA MACEDO VIEIRA E
KARLIANA FERNANDES RODRIGUES

AS REZADEIRAS E SUA IMPORTÂNCIA CULTURAL PARA A DISCIPLINA DE
ARTE, CULTURA, EXPRESSÃO CORPORAL E ESPIRITUALIDADE INDÍGENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Federal do Ceará - UFC, como
requisito parcial para a conclusão do Curso de
Licenciatura Intercultural Indígena-Kuaba.

Orientador: Prof. Dr. George Paulino Lopes
Paulino

NOVO ORIENTE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R1r Rodrigues, Rodrigues, Vieira, Ana Aparecida Fernandes, Karliana Fernandes, Patrícia Macêdo.
AS REZADEIRAS E SUA IMPORTÂNCIA CULTURAL PARA A DISCIPLINA DE ARTE,
CULTURA, EXPRESSÃO CORPORAL E ESPIRITUALIDADE INDÍGENA / Ana Aparecida
Fernandes, Karliana Fernandes, Patrícia Macêdo RODRIGUES, RODRIGUES, VIEIRA. – 2023.
59 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de
Humanidades, Licenciatura Intercultural Indígena Kuaba, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. George Paulino Lopes Paulino.

1. Rezadeiras . 2. Educação Diferenciada . 3. Preservação Cultural. I. Título.

CDD 305.898098131

ANA APARECIDA FERNANDES RODRIGUES, PATRÍCIA MACEDO VIEIRA E
KARLIANA FERNANDES RODRIGUES

AS REZADEIRAS E SUA IMPORTÂNCIA CULTURAL PARA A DISCIPLINA DE
ARTE, CULTURA, EXPRESSÃO CORPORAL E ESPIRITUALIDADE INDÍGENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Federal do Ceará - UFC, como
requisito parcial para a conclusão do Curso de
Licenciatura Intercultural Indígena-Kuaba.

Orientador: Prof. Dr. George Paulino Lopes
Paulino

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio George Lopes Paulino (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ms. Jean Souza dos Anjos
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Ms. Antonio Renaldo Gomes Pereira
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Dedicatória

Dedicamos este trabalho aos nossos pais e aos nossos filhos e aos nossos esposos que são a nossa fortaleza e nosso alicerce.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente queremos agradecer a Deus por nos fazer guerreiras o suficiente para superar todas as dificuldades que surgiram no decorrer deste percurso. Agradeço a Deus por sempre nos conduzir pelos melhores caminhos, que nem sempre foram os mais fáceis, mas com certeza foram os que nos deram os maiores conhecimentos. Agradecemos ainda por conseguirmos chegar em nossos objetivos e nos proporcionar tantos momentos inesquecíveis. A ti senhor, o nosso muito obrigada!

Agradecemos aos nossos pais: Antonio Rodrigues Filhos e Luzanira Fernandes Rodrigues, Raimunda Araújo Macedo e Sebastião Damas Vieira, pelo carinho, apoio, dedicação, companheirismo e confiança atribuídos a nós desde sempre.

Aos nossos queridos filhos: Henzo Ryan Macedo Silva, Ayla Rodrigues Sales, Ransley Ryan Rodrigues Silva, Yara Maria Fernandes Rodrigues e Antonia Lara Rodrigues Costa, que tanto sofreram com a distância, com as dificuldades e com a nossa falta de atenção durante as aulas remotas, as nossas desculpas e o nosso muito obrigada, pois vocês são a nossa motivação a sempre alçar voos mais altos.

Aos nossos esposos: Samuel Martins Sales, José Valdo de Souza Silva e Ronyvon Soares da Silva, pela compreensão, carinho e companheirismo dedicado ao longo desta trajetória.

Aos nossos professores que foram esplêndidos e que nos mostraram uma nova percepção de mundo e que contribuíram de forma significativa para a nossa vida profissional e estudantil. Especialmente o professor Kleber Saraiva que foi sensível suficiente para compreender os momentos de especificidade e que sempre teve um olhar diferenciado às questões indígenas, lutando sempre pelo nosso bem estar e pela continuidade do curso kuaba.

Ao orientador George Paulino, que sempre foi fonte de inspiração, pelo seu jeito sereno de conduzir as disciplinas e por sua vasta sabedoria que nos encantou desde a primeira aula, obrigada pela paciência e dedicação.

A todos vocês, o nosso muito obrigada, pois são o alicerce das nossas vidas!

Por mais que o professor, os companheiros de classe e os materiais didáticos possam, e devam contribuir para que a aprendizagem se realize, nada pode substituir a atuação do próprio aluno na tarefa de construir significados sobre os conteúdos da aprendizagem. É ele quem modifica, enriquece e, portanto, constrói novos e mais potentes instrumentos de ação e interpretação. (BRASIL, 1997, p. 36)..”

RESUMO

Este trabalho analisa aspectos relacionados à educação indígena, tendo como finalidade refletir sobre a educação diferenciada, sendo que o foco é “As rezadeiras e sua importância cultural para a disciplina de arte, expressão corporal, cultura e espiritualidade indígena”. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem nas pesquisas teóricas e em conhecimentos prévios sobre a temática. O texto está dividido em cinco tópicos, O primeiro trata-se da introdução que faz um breve apanhado de tudo que foi discutido, no tópico dois faz menção a história de cada autora deste trabalho, onde contam a sua história, o terceiro fala da contextualização histórica da educação dos povos indígenas, onde busca conta um pouco sobre como ocorreu a educação destinadas aos povos indígenas do Brasil no decorrer da história levando em consideração as questões legais, a história do movimento indígena no município de Novo Oriente e as lutas travadas pelos povos indígenas por uma educação diferenciada e de qualidade. Já o tópico quatro fala da conquista dos povos nativos do estado Ceará com a disciplina de arte, expressão corporal, cultura e espiritualidade indígena, pois passou a fazer parte da sua grade curricular uma disciplina que permitia a valorização e a preservação da cultura manifestada em cada aldeia. No quinto tópico é retratado a importância das rezadeiras para a disciplina de arte, expressão corporal, cultura e espiritualidade indígena, pois essa temática abrange uma diversidade de assuntos imensa, além de mostrar para os alunos os conhecimentos de vida destas pessoas dotadas de dons e sabedoria. Por fim, no tópico seis é exposto a importância das rezadeiras para a disciplina voltada para as tradições indígenas, além de retomar os objetivos e apresenta uma reflexão acerca da temática abordada.

Palavras-Chave: 1. Rezadeiras 2. Educação Diferenciada 3. Preservação Cultural

SUMMARY

This work analyzes aspects related to indigenous education, with the aim of reflecting on differentiated education, with the focus being “The prayer women and their cultural importance for the discipline of art, body expression, culture and indigenous spirituality”. This is a descriptive study with an approach to theoretical research and previous knowledge on the topic. The text is divided into five topics, the first is the introduction that provides a brief overview of everything that was discussed, topic two mentions the history of each author of this work, where they tell their story, the third talks about contextualization history of the education of indigenous peoples, which seeks to tell a little about how education for the indigenous peoples of Brazil occurred throughout history, taking into account legal issues, the history of the indigenous movement in the municipality of Novo Oriente and the struggles fought by the peoples indigenous people for a differentiated and quality education. Topic four talks about the conquest of the native peoples of the state of Ceará with the discipline of art, body expression, culture and indigenous spirituality, as a discipline that allowed the appreciation and preservation of the culture manifested in each village. The fifth topic portrays the importance of prayers for the discipline of art, body expression, culture and indigenous spirituality, as this theme covers an immense diversity of subjects, in addition to showing students the life knowledge of these people endowed with gifts and wisdom. . Finally, topic six explains the importance of prayer women for the discipline focused on indigenous traditions, in addition to returning to the objectives and presenting a reflection on the topic addressed.

Keywords: 1. Prayers 2. Differentiated Education 3. Cultural Preservation

LISTA DE IMAGEM

IMAGEM 1: PROFESSORA E SECRETÁRIA ESCOLAR ANA APARECIDA	16
IMAGEM 2:PROFESSORA INDÍGENA PATRÍCIA	19
IMAGEM 3:PROFESSORA INDÍGENA KARLIANA.....	22
IMAGEM 4:LIDERANÇA INDÍGENA HELENA GOMES	24
IMAGEM 5:SENHOR ANTÔNIO GOMES	25
IMAGEM 6: A PRIMEIRA SALA DE AULA NA ALDEIA LAGOINHA DOS POTIGUARA	27
IMAGEM 7: LIDERANÇA E DIRETORA INDÍGENA RITA PEREIRA	28
IMAGEM 8: PROFESSORA INDÍGENA EMILIANA SOBRAL	29
IMAGEM 9: HENZO RYAN, ÍNDIO POTIGUARA EM APRESENTAÇÃO DE PINTURAS CORPORAIS	34
IMAGEM 10: YARA MARIA, INDÍGENA PERTENCENTE AO POVO POTIGUARA E CALABAÇA	35
IMAGEM 11: RANSLEY RYAN, INDÍGENA PERTENCENTE A ETNIA POTIGUARA E CALABAÇA	36
IMAGEM 12: ANTONIA LARA, INDÍGENA PERTENCENTE AO POVO POTIGUARA E CALABAÇA DE NOVO ORIENTE	37
IMAGEM 13: APRESENTAÇÃO CULTURAL DOS ALUNOS INDÍGENAS POTIGUARA DE NOVO ORIENTE	37
IMAGEM 14:A REZADEIRA DONA CLOTILDE.....	43
IMAGEM 15: REZADEIRA ANTONIA CANUTO DE MACEDO	44
IMAGEM 16: REZADEIRA ANTUNEUDA REZANDO DE ESPREMEDEIRA NO RYAN	46
IMAGEM 17: RESADEIRA OSMARINA VALENTINO DE OLIVEIRA	48
IMAGEM 18: REZADEIRA FRANCISCA COSMO	49
IMAGEM 19: EMANUEL BELEZA DE OLIVEIRA	53
IMAGEM 20: LIDERANÇA INDÍGENA DONA BELINHA.....	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2. MINHAS RAÍZES INDÍGENAS.....	14
2.1 Ana Aparecida Fernandes Rodrigues	14
2.2 Patrícia Macedo Vieira	17
2.3 Karliana Fernandes Rodrigues.....	20
3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DOS POVOS ORIGINÁRIOS DESTA TERRA	23
3.1 O início do Movimento Indígena em Novo Oriente -Ce	23
3.2 A Escola Indígena Antônio Gomes	27
3.3 Educação diferenciada.....	29
3.4 O que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.....	31
4. A CONQUISTA DA DISCIPLINA DE ARTE, CULTURA, EXPRESSÃO CORPORAL E ESPIRITUALIDADE INDÍGENA	33
4.1 A importância da Licenciatura Intercultural Indígena – KUABA	38
5. A IMPORTÂNCIA DAS REZADEIRAS PARA A DISCIPLINA DE ARTE, CULTURA, EXPRESSÃO CORPORAL E ESPIRITUALIDADE INDÍGENA	40
5.1 Rezadeira Clotilde Nunes Moreira	42
5.2 A rezadeira Antonia Canuto de Macedo.....	44
5.3 A rezadeira Osmarina Valentino de Oliveira	47
5.4 Francisco Cosme de Oliveira.....	48
5.5 As rezadeiras e o uso das plantas medicinais no tratamento de doenças	49
5.6 As plantas medicinais	50
5.7 Emanuel Beleza de Oliveira	51
5.8 Curiosidades sobre o Tio Mamim	53
5.9 Maria Pereira do Nascimento Silva	54
6. CONCLUSÃO.....	58

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema as rezadeiras e a espiritualidade que as permeia, levando em consideração a sabedoria ancestral no desenvolvimento dos rituais de cura e na elaboração de chás, lambedores, cheiradores entre outros, assim como esses conhecimentos são levados para dentro da sala de aula.

Mostrando também a relação entre a medicina tradicional e a medicina científica, sendo que neste contexto as aldeias indígenas estão fazendo uso das duas medicinas. Além disso, abordará a importância da natureza e do sagrado para a vida dos povos originários e em especial das rezadeiras.

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma breve reflexão acerca de fatos históricos dos primeiros contatos dos nativos desta terra com a educação e como hoje a educação escolar indígena está sendo uma fonte importante para o resgate dos saberes ancestrais de várias etnias e conhecer a cultura das rezadeiras e seus métodos de cura, compreender como estas mulheres lidam com a natureza e o sagrado e analisar a importância da cultura dos povos originários nesse processo da medicina tradicional, refletindo também as causas pelas quais as rezadeiras estão cada vez em menor número e sua relação com a medicina científica.

A pesquisa está organizada em tópicos, sendo que o primeiro é a introdução onde há uma breve descrição da organização do texto como um todo. O segundo tópico tem como temática “as minhas raízes indígenas”, onde aborda a história pessoal das autoras que aqui voz fala, narrando as dificuldades de vida enfrentada por cada uma.

Já o terceiro tópico aborda a contextualização histórica da educação dos povos originários desta terra com algumas reflexões, e também fala sobre como ocorreu o primeiro contato com os nativos aos métodos educacionais que forçou todo um silenciamento étnico dos povos originários. Narra como iniciou o movimento indígena no município de Novo Oriente e como se deu o processo de educação indígena. E ainda nesta seção é apresentado o contraponto da educação que atualmente é diferenciada e específica para o resgate da cultura e tradições daqueles que foram amplamente massacrados pela imposição da cultura branca.

Já o quarto tópico apresenta a importância da conquista da disciplina de arte, cultura, expressão corporal e espiritualidade indígena que tem como finalidade reafirmar sua identidade, sua cultura e os conhecimentos ancestrais sobre curas e o contato com o mundo espiritual, fazendo menção a importância da licenciatura intercultural indígena – Kuaba neste processo

formativo de professores capacitados nestas áreas. No quinto tópico é apresentado o quanto das rezadeiras são importantes para a disciplina específica e diferenciada, pois essas matriarcas carregam muitos saberes sobre a Terra, as ervas, as curas e as crenças ancestrais que devem permanecer vivas dentro das aldeias e a oralidade ainda hoje é parte principal no repasse dos costumes tradicionais para estes povos as suas novas gerações.

O escrito ainda conta com uma conclusão, sendo o sexto tópico que faz toda uma reflexão reafirmando a importância de os alunos terem esse contato com as histórias de vida dos mais velhos da aldeia e seus costumes, para que não se perca a cultura milenar de diversas etnias que viveram no Brasil e que permanecem lutando para reafirmar e resgatar suas tradições.

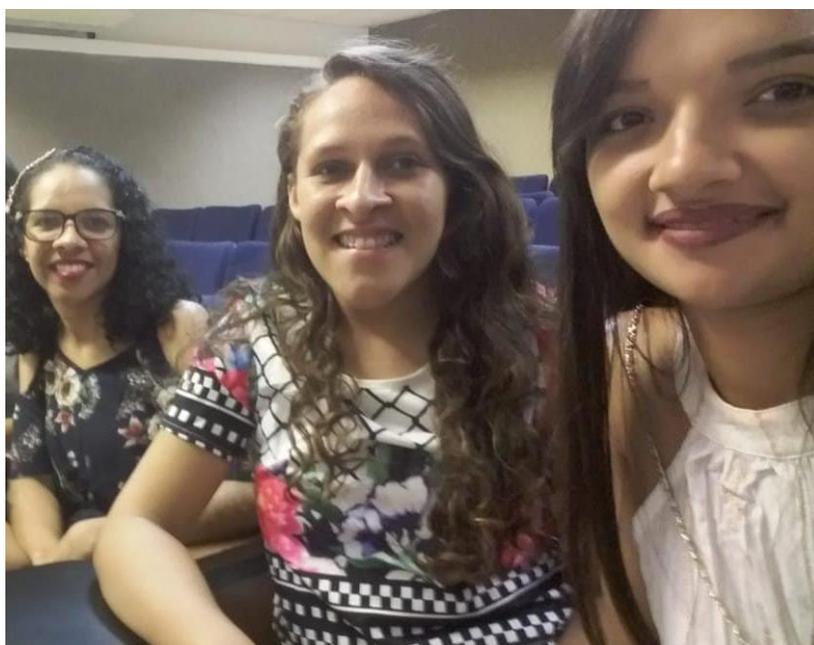
Posteriormente são apresentadas as referências que foram uma base de estudo de suma importância no processo de construção e desenvolvimento deste trabalho.

A metodologia utilizada na construção deste texto foi de cunho bibliográfico, coleta de informações com as lideranças e a ancestralidade que nos cerca e contendo breves reflexões acerca da temática da educação escolar indígena e o resgate da cultura com ajuda dos homens e mulheres sábios da comunidade que chamamos de “trancos velhos”.

2. MINHAS RAÍZES INDÍGENAS

Escrever a nossa história é mostrar nossa exercia, apresentar o percurso que fizemos durante a vida e através das intervenções do meio ao qual fomos inseridos, mostrar o quanto nos influenciaram a sermos os seres humanos que somos hoje. Assim, trazer um pouco de nossa história faz com que as nossas raízes sejam expostas.

IMAGEM 1: PRIMEIRO DIA DE AULA DA LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – KUABA NA UFC



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

E para início de conversa, contaremos um pouco de nossa história, mostrando as nossas raízes, as nossas trajetórias de vida que nos fizeram chegar até aqui.

2.1 Ana Aparecida Fernandes Rodrigues

Sou Ana Aparecida Fernandes Rodrigues, nasci em 12 de outubro de 1987, no município de Novo Oriente – CE, tenho 35 anos, sou indígena pertencente a etnia ¹Potiguara e ²Calabaça, sou de origem humilde, pois meus pais Antonio Rodrigues Filho e Luzanira

¹ Potiguara: Etnia indígena do estado do Ceará

² Calabaça: Etnia indígena do estado do Ceará

Fernandes Rodrigues sempre foram pobres na área financeira, mas sempre tiveram uma riqueza de espírito muito grande. Motivou a mim e aos meus irmãos a estudar e assim fizemos.

Tive uma infância muito feliz e as dificuldades que passamos não foram motivos de trauma e para falar a verdade são poucas as lembranças ruins que tenho de minha infância. Sempre considerei as dificuldades como forma de crescimento espiritual, assim me recordo mais das coisas que superamos. Comecei a trabalhar com artesanato desde de muito nova e a exemplo de minha mãe, que sempre foi muito independente e guerreira, passei a confeccionar minhas artes e a vender aos 16 anos.

Tive minha primeira filha aos 17 anos, fui tratada com muito preconceito, no início fiquei muito triste, mas no decorrer do tempo ganhei força e motivação para não desistir. Concluí o ensino médio grávida, percorrendo uma trajetória de 19 Km de estrada carroçal todas as noites para chegar à escola. Tive minha segunda filha aos 20 anos e fui mãe solo durante 15 anos da minha vida e mesmo com o preconceito da sociedade e toda a carga que vem com a maternidade, eu agradeço de mais a Deus pelas minhas filhas que sempre foram fonte de muita alegria em minha vida.

No decorrer destes anos enfrentamos muitas dificuldades, permaneci morando com meus pais, mas nunca parei de trabalhar um só dia. Trabalhava fazendo artesanato, substituído professor para ganhar R\$ 5,00 por turno e nos finais de semana trabalhava em um projeto do município chamado “Projovem Adolescente” como orientadora social, onde me pagavam R\$ 200 reais por mês.

Fiz um vestibular ofertado pela UVA – Universidade Vale do Acaraú e passei, mas não pude fazer, no ano seguinte passei em outro vestibular ofertado pela mesma instituição e resolvi fazer um esforço para cursar. Já que minhas condições não tinham mudado, achei que isso podia ser uma oportunidade de mudança, assim resolvi eu mesma fazer a diferença e traçar uma nova rota na minha vida. Fiz minha inscrição e mesmo não tendo o apoio de ninguém da família, devido às péssimas condições financeiras, resolvi ingressar neste mundo acadêmico que tanto me encantava. Passei a trabalhar mais e incansavelmente de domingo a domingo para ganhar o dinheiro da mensalidade e prover o sustento das minhas filhas.

Yara Maria tem hoje 18 anos e está cursando Engenharia Química na Universidade Federal do Ceará em Fortaleza, Antonia Lara tem 15 anos e está no ensino médio em uma escola técnica de tempo integral. E agora veio uma nova benção para minha vida que é o Ransley Ryan que tem 2 anos e já ingressa na sua vida estudantil na creche e que é fruto de um novo relacionamento com meu esposo Ronyvon, um cara que acolheu minhas filhas de uma forma

especial e de coração aberto. A vida por muitas vezes me desafiou a desistir, mas basta eu olhar para minha família e isso se transforma em um combustível para continuar lutando.

Ingressei na escola indígena em 2009, antes da escola ser inaugurada e por isso funcionava no prédio da associação. Eu ia substituir a professora regente e ganhava 5,00 reais a cada turno. Em 2010 fui chamada para tirar a licença maternidade da diretora e liderança indígena Rita Potiguara e foi uma experiência maravilhosa que abriu as portas para mim. Em 2012 fui chamada para fazer parte da equipe escolar com a função de serviço burocrático e em 2014 assumi o cargo de secretária, cargo que exerço até hoje.

No decorrer desta trajetória fui pesquisar a minha história através de relatos dos nossos troncos velhos³ descobri que sou descendente dos povos originários desta terra, pertencente à etnia Potiguara por parte de mãe e Calabaça por parte de pai. Hoje trabalho dentro da escola Indígena Antônio Gomes e foi aqui que tive a oportunidade de participar de um movimento organizado e de muita força, que é o movimento indígena.

IMAGEM 1: PROFESSORA E SECRETÁRIA ESCOLAR ANA APARECIDA



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Na busca por minhas origens, tive que entrevistar diversas pessoas, onde descobri muitas coisas que me fizeram valorizar ainda mais as minhas origens. Tudo se tornou mais

³Troncos velhos: São as pessoas mais idosas da família.

difícil por que minha mãe foi adotada aos 5 dias de nascido e pouco sabia sobre sua família biológica, deste modo foquei na família paterna, onde encontrei uma prima de meu pai, Maria Germano que reside na cidade de Crateús e que já se identificava como indígena desde de o início do movimento indígena nesta região.

Dona Maria Germano me contou que quando criança sempre escutava os adultos falando que a sua família era da gema dos calabaua, mas quando ela buscava saber o que era calabaua, os mais velhos da época pediam para que ela não repetisse mais essa palavra. Tia Maria cresceu sem entender sobre a palavra, mas nunca a esqueceu.

Durante o movimento de reconhecimento de povos indígenas na cidade de Crateús, realizado pelo bispo Dom Fragoso, tia Maria ouviu aquela palavra proibida novamente, mas desta vez foi da boca de um arqueólogo. Ela então perguntou o que significava e foi neste momento que ele a explicou que era uma etnia, um povo que sofreu muito pelas opressoras mãos dos fazendeiros e que muitos fugiram e outros esconderam sua língua e sua história para não serem mortos.

Tia Maria disse que ficou surpresa, mas que enfim descobriu o verdadeiro sentido de calabaua. Então ela contou sua história para o antropólogo e ele constatou que realmente nossa família fazia parte desta etnia, compreendeu também o motivo do seu povo ter escondido isso de todos, pois estavam visando a sobrevivência.

Durante esta busca também descobrir ter descendência indígena do povo Potiguara por parte de mãe e assim na busca por minhas origens descobri que faço parte de duas etnias e que me reconheço como potiguara por que foi o povo que me acolheu dentro do movimento aqui em Novo Oriente.

No ano de 2017 surgiu a oportunidade de fazer a Licenciatura Intercultural Indígena Kuaba, hoje posso falar que foi a melhor de todas as experiências sobre ensino que já tive na vida, pois nas aldeias tínhamos os conhecimentos trazidos pelos professores da UFC e tivemos a oportunidade de conhecer a realidade de cada aldeia que passamos de forma prática e teórica, além disso foi importante conhecer a cultura de cada parente e suas estratégias de luta para sobreviver às adversidades.

2.2 Patrícia Macedo Vieira

Meu nome é Patrícia Macedo Vieira, tenho 26 anos de idade. Moro na aldeia Lagoinha dos Potiguara, zona rural de Novo Oriente- CE, desde o meu primeiro dia de vida. Sou

pertencente ao povo potiguara, minha trajetória de vida na comunidade sempre foi de muita luta, desde muito nova comecei a ir muito cedo trabalhar na roça com meu pai Sebastião Damas e minha mãe Raimunda Araújo, sempre fomos muito humildes.

A nossa aldeia é bem grande e eu morava bem distante do centro da aldeia, e isso dificultava muito a convivência com os outros, pois o acesso era ruim, no tempo de inverno fica interditada a estrada devida a chuva e não dava passagem no rio. Isso também dificultava a minha ida para escola, que ficava a uns 4 km de distância, mas isso nunca foi um motivo para faltar às aulas, sempre tive muito interesse nos estudos, e quando o rio estava cheio o meu pai vinha me passar.

Nesse tempo as cheias eram grandes e às vezes a água só passava a nado, mas minha família sempre buscando o melhor para a minha educação, ajudava a passar nas águas. E esse tempo foi um tempo de muita luta, mas sempre chegava na escola muito feliz. Estudávamos em um quarto cedido por uma das lideranças da aldeia que se chamava Dona Belinha.

Nesse quartinho não tinha cadeira e a professora Rita Pereira (uma grande liderança do nosso povo) escrevia as atividades no chão da sala com giz, por que também não tinha quadro negro. Ela trabalhava com muito amor pelo que fazia, pelos seus alunos e pela comunidade, pois por muitas vezes passava vários meses sem receber o seu salário e mesmo assim não desistia.

Ela comprava merenda do seu dinheiro para todos os alunos e sua mãe que era a Dona Belinha a mulher que sedia o quarto para as aulas, sempre dava seu jeito, tirava merenda da sua própria casa para os alunos. As dificuldades chegaram ainda com mais frequência quando tive que mudar de escola e o motivo é que não tinha mais a série que eu estava cursando.

Essa nova escola ficava cerca de 8 a 10 km de distância de minha casa e como o acesso era ruim, eu não conseguia pegar o transporte que levava os alunos para essa nova escola. Foi um tempo muito sofrimento, entretanto nesse mesmo tempo a minha família ganhou uma casa de projeto “Minha Casa Minha Vida” e minha mãe construiu essa casa mais no centro da aldeia e as coisas ficaram mais acessíveis na questão de estudar.

Mas nesse mesmo período, passamos por muitas dificuldades financeiras muito grande e chegamos a passar fome, pois não tinha como evitar essa precisão que passamos e esses foram momentos muito difíceis, mas com muita fé em Deus, a gente consegue passar por esses momentos.

Logo chegou o tempo de cursar o ensino médio e tinha que me deslocar até a cidade que ficava a 18 km da aldeia, mas como já estava morando no centro da aldeia, ficou mais fácil o acesso, já que o transporte escolar passava todos os dias bem na frente de minha casa. Só que devido a grande crise financeira que estávamos passando, fui morar na cidade e consegui um emprego para trabalhar em casa de família, só assim pude ajudar a minha família.

IMAGEM 2: PROFESSORA INDÍGENA PATRÍCIA



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

No início do 3º ano do ensino médio, tive que voltar a morar na aldeia novamente. Minha mãe juntamente com meu pai pensando no meu futuro resolveram pagar um curso de informática para me e foi muito apertado para eles pagarem, nesse tempo custava 25 reais esse curso, mais tinha mês que a gente tinha que vender galinhas para poder pagar a mensalidade,

Logo após terminar o ensino médio tive que viajar para a cidade do Rio de Janeiro, onde passei por muitas dificuldades, mas eu tinha que ajudar a minha família, e quando eu consegui juntar um dinheiro e ajudar minha mãe, eu voltei novamente para a aldeia. Voltei para a aldeia no fim do ano de 2015 e logo no início de 2016 pude participar de uma seleção na escola onde eu estudei na minha infância. Consegui passar nessa seleção para ser professora de informática, pude perceber que toda aquela dificuldade que eu passei anteriormente estava tendo retorno.

No ano seguinte fui lotada como professora de informática e de educação física devido o meu desempenho e foi então que chegou o edital para cursar a primeira turma de licenciatura intercultural indígena – KUABA, onde eu tive o privilégio de me inscrever e participar da prova seletiva e consegui a vaga para estudar, fiquei muito feliz, pois era um sonho meu conseguir fazer uma faculdade, no ano seguinte eu já fui lotada em uma das áreas que eu estava me formando que era a disciplina de história, nesse momento em que assumi uma sala de aula, na disciplina que eu me identifico, foi um tempo difícil, pois eu me sentia muito insegura, mais tive muita ajuda das minha colegas de faculdade e de trabalho Ana Aparecida e Karliana, esses dois seres humanos foram anjos na minha vida, pois me deram muita força.

Hoje ainda permaneço trabalhando nessa mesma escola, lecionando nas disciplinas de história e geografia nas turmas de 6º ao 9º ano e leciono também na disciplina de “Interações e conhecimento das manifestações e das tradições culturais indígenas cearense e Brasileira e espiritualidade” na turma de creche.

Trabalho com muito amor nessa escola, pois tive o privilégio de acompanhar de perto toda a luta do meu povo e das lideranças para conseguir tudo que temos. Hoje temos o prédio próprio da escola. Tenho muito orgulho de tudo que me tornei, pois aquelas dificuldades que enfrentei juntamente com minha família, foi o que me fez ser quem sou hoje.

Gratidão ao dono dos meus dias, Deus.

2.3 Karliana Fernandes Rodrigues

Costumo dizer que fui muito agraciada pela família que possuo, pois sou filha de Antonio Rodrigues Filho um agricultor raiz que sempre nos estimulou para os estudos e de Luzanira Fernandes Rodrigues uma dona de casa e vendedora ambulante forte e batalhadora.

Por ser a mais nova eu não recorro totalmente do período mais difícil que meus pais vivenciaram, onde as doenças deram um grande golpe tanto financeiro como emocional na família. Passamos por muitas dificuldades até mesmo na questão alimentar, minha mãe sempre gosta de ressaltar que minha sobrinha até hoje não gosta de farinha, devido ser obrigada a tomar mingau de farinha na infância.

Nesse período, meu pai e meus irmãos foram para Fortaleza em busca de ganhar o sustento para todos. Minha irmã Ana Aparecida foi catar castanhas e meu irmão José Carlos foi ser “peão de obra”. Passaram muitos perrengues, até mesmo risco de vida, para mandar dinheiro para minha mãe, minha sobrinha e eu que ficamos em casa. Também recebíamos cestas de

alimentos de meus tios e alguns vizinhos bondosos que viam a difícil situação em que estávamos passando.

O tempo foi passando e as coisas foram melhorando em nossa vida, com a ajuda de um sobrinho do meu pai foi construído um pequeno cômodo em frente a escola, onde colocamos doces e sorvete para vender e foi daí que finalmente tiramos o “pé da lama”.

Mesmo sendo um local modesto e com pouca variedade de produtos a serem comercializados tínhamos uma quantidade boa de estudantes que nos compravam durante a semana. E com meu pai e meus irmãos trabalhando e essa renda complementar foi possível nos reerguer.

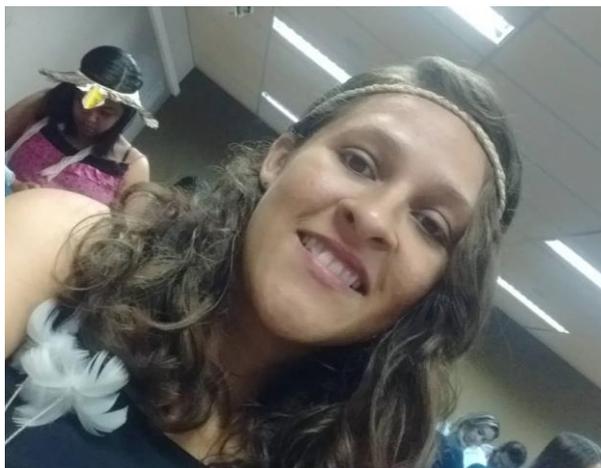
Após esse longo período de grandes obstáculos fui estudar o Ensino Médio na mesma localidade onde moro que é Lagoa dos Neres, zona rural de Novo Oriente - CE. Sempre me considerei uma aluna dedicada e muito curiosa. Em 2007 no final do 3º ano prestei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), passei, mas infelizmente eu não tinha condições financeiras de ir morar em outra cidade. Novamente em 2008 fiz o ENEM e foi a mesma situação ainda não tinha como meus pais me bancar estudando em outra cidade.

Já em 2009 surgiu a oportunidade de estudar na minha cidade de forma particular em um polo da Universidade Vale do Acaraú (UVA). Fui fazer o vestibular e passei. A mensalidade de 209,00 mensais para meus padrões financeiros era um valor muito alto, só que o desejo de ter os filhos formados era maior ainda. Então com a importante ajuda dos meus pais, meus irmãos e com a nossa vendinha de pirulito e sorvete que fazia juntamente com minha mãe fui realizar o meu sonho de fazer faculdade.

Grandes foram os desafios, entre eles muita chuva lama nos caminhos, muito café grátis e pão de queijo de 0,50 centavos para matar a fome e claro bastante ajuda de familiares e amigos concluir minha 1º Graduação em Licenciatura Plena em Biologia no ano de 2014.

E no ano seguinte a diretora da Escola Indígena Antônio Gomes me chamou para trabalhar na referida escola, no início era pra ajudar uma professora regente, mas posteriormente foi realizada a seleção para as Escolas Indígenas do Estado e fiquei assumindo as aulas de Ciências da escola.

Atualmente continuo trabalhando na mesma escola e sou imensamente grata a Diretora Rita Pereira pela oportunidade de trabalho que mudou completamente a minha vida e a toda a família escolar Antonio Gomes que me acolheu.

IMAGEM 3: PROFESSORA INDÍGENA KARLIANA

Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Hoje casada e com uma filha, morando em uma casa própria, assim como meus pais e meus irmãos e vivendo com dificuldade, mas sempre com a dispensa cheia, muita força pra trabalhar e claro com os valores repassados por meus pais como dignamente e respeito por tudo que foi conquistado, eu reforço o que disse no início desse relato, fui imensamente agraciada pela família a qual faça parte.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DOS POVOS ORIGINÁRIOS DESTA TERRA

Voltando um pouco no tempo, é interessante fazermos uma retrospectiva de como ocorreu a educação indígena em nosso país, pois em se tratando de educação indígena, logo nos remetemos ao período da chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, e a vinda dos Jesuítas para catequização dos índios, que até então acreditava que não tinham crença e suas almas estavam necessitando de Deus.

Vemos que existe uma dominação desde o início, pois neste sentido os padres ensinaram aos índios o catolicismo que era a religião predominante em Portugal, e os forçaram a abandonar a sua cultura e suas crenças, aqueles que não obedeciam aos portugueses e que não seguiam os ensinamentos dessa educação escolar eram perseguidos e por muitas vezes mortos. Muitos dos saberes indígenas foram até mesmo proibidos e impossibilitados de serem manifestados.

A escolarização indígena no início das explorações das terras brasileiras eram simplesmente a cultura e a religião dos brancos que estava sendo imposta aos aborígenes, sem sequer buscar entender como eram as crenças e costumes dos habitantes nativos daquelas terras. Esse tipo de ensino perdurou por um longo período que só veio a acabar com a Constituição de 1988.

A educação para os índios foi reformulada e tendo um tratamento bastante diferente do passado, pois a partir da Constituição Federal em 1988 a escola para os povos indígenas teriam que proporcionar uma educação diferenciada e intercultural, além de favorecer o resgate de sua cultura, suas crenças, tradições e linguagens.

3.1 O início do Movimento Indígena em Novo Oriente -Ce

O início do movimento indígena em Novo Oriente ocorreu no ano de 2001 através de uma reorganização dos povos indígenas na região de Crateús, por intermédio da igreja católica e com a coordenação do Bispo Dom Frágoso, a freira Margaret Malfliet e uma moradora católica chamada Helena Gomes, que passaram a fazer uma busca pelos indígenas espalhados nesta região.

E com essa pesquisa realizada, foi identificado diversos indígenas de etnias distintas espalhados na região do semiárido Sertões dos Inhamuns que fica nas proximidades de Crateús.

Assim o movimento indígena nesta terra ficou identificado nas seguintes localidades: Em Crateús nas comunidades de Nazaré e Santa Rosa; Em Poranga nas comunidades de Imburana e Cajueiro; Em Quiterianópolis nas localidades de Fidélis Alegre, Vila Nova e Croatá; Também em Tamboril foram identificados indígenas nas comunidades Croatá verde e Viração; já em Monsenhor Tabosa foram nas comunidades de Olho d'Água dos Canudos do Mundo Novo, Jacinto, Pau Ferro, Passarinho, e entre outras, em Novo Oriente foram nas comunidades de Lagoa dos Neres e Açude dos Carvalhos.

IMAGEM 4:LIDERANÇA INDÍGENA HELENA GOMES



Fonte: Arquivo das Pesquisadoras

Helena Potiguara teve na comunidade vizinha chamada Bom Sucesso para o aniversário de 100 anos de um senhor e como era sobrinha do Senhor Antônio Gomes ela propôs então um encontro na casa do seu tio ao anoitecer, onde sugeriu uma conversa com alguns membros da Comunidade. Rita Pereira da Silva hoje liderança forte dessa localidade saiu chamando a vizinhança para se fazerem presentes na reunião, esse marcante momento ocorreu no dia 31 de Dezembro de 2021, sendo este o ponto de partida para o Povo Potiguara de Novo Oriente. E ainda nesta ocasião Dona Helena sugeriu que esta comunidade tradicional participasse da busca pela sua ancestralidade e o resgate de suas histórias, a fim de retomar os costumes dos ancestrais e a cultura.

Neste encontro ficou decidido que a comunidade se uniria na tentativa de resgatar a

história já que a maioria eram parentes e Dona Helena antecipadamente já tinha pesquisado a sua história e eram descendentes indígenas do Povo Potiguara, assim fizeram e através das pesquisas foi descoberto que faziam parte da etnia Potiguara, onde alguns vieram da Paraíba, outros do Rio Grande do Norte, mas todos se identificaram como potiguara.

Após esse encontro foi conversado e acordado diversas ações que foram transformadoras para dentro da Comunidade, Rita Pereira da Silva foi convidada para participar do encontro que aconteceria em Crateús, onde seria composto por estudantes lideranças e professores indígenas, falariam sobre o magistério indígena que estava acontecendo e que no ano de 2002 a comunidade seria contemplada com uma sala de aula que funcionaria uma educação infantil pela manhã, uma turma de multisseriado à tarde e outra turma no turno da noite.

E a partir dessa pesquisa de identificação dos indígenas a localidade de Lagoa dos Neres no Município de Novo Oriente foi feito resgate da história desse povo, através dos seus costumes e tradições e desde as visitas até o reconhecimento do povo foi um percurso bastante longo até alcançar os reconhecimentos necessários.

E através da liderança Helena Gomes também reconhecida como Helena Potiguara uma das líderes desta pesquisa juntamente com a freira irmã Margarete esse movimento alavancou em nosso município. Inicialmente foi realizada uma reunião com a comunidade, onde muitos quiseram fazer parte deste movimento indígena, e outros mesmo sabendo das suas descendências recusaram-se a entrar na luta pelos seus direitos.

IMAGEM 5:SENHOR ANTÔNIO GOMES



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Uma das primeiras iniciativas foi com a criação de uma escola indígena nesta comunidade, que teve a frente uma jovem cujo nome Rita Pereira da Silva hoje uma grande liderança do movimento indígena de nossa região e Emiliana Sobral Paula que juntas se tornaram professoras em um quartinho cedido pelo Senhor Antônio Gomes.

A sala de aula cedida passou a fazer parte da luta indígena e da busca por uma educação escolar diferenciada que valorizasse as tradições e costumes do povo Potiguara. Então a luta vinha de todas as partes, e mesmo com os empecilhos e obstáculos através do movimento e de Helena Potiguara que veio até a prefeitura de Novo Oriente na busca pelo projeto da escola indígena, todos estavam engajados nesta causa e confiantes que seus planos iriam se concretizar.

As dificuldades enfrentadas pelas professoras foram gigantescas, pois não haviam carteiras e pouquíssimo material didático cedido pela escola Raízes Indígenas da cidade de Crateús. Os alunos motivados por suas educadoras traziam de suas casas as cadeiras, os tapetes ou almofadas e assim as suas aulas eram ministradas. Outra empasse era o quadro negro que ainda não havia, então era improvisada a escrita das atividades com o giz no chão de cimento.

Em Crateús havia a escola indígena a qual Dona Helena fazia parte, tanto era professora como coordenadora da unidade de ensino, e o órgão responsável era a Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação - CREDE13. A escola era o local sede onde aconteciam as formações para os professores das escolas indígenas nas proximidades.

O curso de formação para professores indígenas chamado de Magistério Indígena já estava em pleno funcionamento, alguns professores já bem avançado no curso e outros já finalizando, as professoras da escola recém formada Emiliana e Rita participavam apenas como ouvinte e ao final dessas formações elas recebiam apenas declarações de participação que para a atual situação em que ambas estavam vivenciando era uma grande conquista participar do curso e aprender as metodologias diferenciadas para ministrar suas aulas de maneira que houvesse o resgate da cultura e a valorização da espiritualidade, sendo temas muito polêmicos para a região.

Os moradores da comunidade sempre relatavam em reuniões que a partir do momento em que se identificaram como indígenas Potiguara tudo ficou mais difícil, pois neste momento passaram a ser tratados de forma preconceituosa e como se já não fosse difícil o convívio em sociedade que não entendia a presença de povos nativos, ainda havia às dificuldades financeiras que permeava a comunidade como um todo. O preconceito passou a fazer parte de suas vidas e em muitas situações eram humilhados e inferiorizados ainda mais por estarem assumindo seu papel de luta pelo direito enquanto povo indígena e retomando os costumes ancestrais como

suas danças, os rituais do toré, as pinturas e entre outras manifestações culturais. Grandes foram os desafios enfrentados, no entanto maior ainda é o desejo de vivenciar os saberes indígenas deixados pelos ancestrais e toda essa riquíssima cultura.

3.2 A Escola Indígena Antônio Gomes

A primeira sala de aula na aldeia de Lagoinha dos Potiguara era um anexo da Escola Raízes Indígenas de Crateús e que iniciou em um quarto cedido pelo senhor Antônio Gomes, mais conhecido como Seu Antoizinho e sua esposa Maria Pereira do Nascimento Silva, mais conhecida por Dona Belinha, uma das primeiras lideranças indígenas deste povo. A turma era de multisseriada que tinha alunos da pré escola até o 4ª série e uma turma de Educação de Jovens e Adultos.

IMAGEM 6: A PRIMEIRA SALA DE AULA NA ALDEIA LAGOINHA DOS POTIGUARA



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Posteriormente houve uma luta para que o prédio escolar fosse construído e o senhor Antoizinho (Antônio Gomes) e sua esposa Dona Belinha (Maria Pereira do Nascimento), em apoio a causa indígena e pensando na melhoria do ensino para as crianças em sua aldeia, doaram o terreno para que a escola pudesse ser construída.

Em 13 de maio 2010 a escola foi inaugurada, a princípio com a seguinte nomenclatura: Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio Raízes Indígenas, mas a partir do ano de 2013 o nome da escola foi mudado para Escola Indígena Antônio Gomes, em homenagem ao

senhor Antônio Gomes que muito contribuiu com o movimento indígena na aldeia.

Com a inauguração da escola veio muitos empregos para dentro da comunidade, trazendo assim uma maior qualidade de vida para muitas famílias. Os alunos passaram a ter um maior amparo, pois havia merenda escolar, material didático de qualidade e um ambiente cheio de recursos para ser utilizado.

As professoras foram se qualificando, cada uma em suas áreas que mais se identificavam e atualmente a escola tem um quadro de funcionários muito bem capacitados e que virou uma grande família. O número de alunos foi aumentando e até mesmo os alunos não indígenas, passaram a procurar a escola para se matricular, por gostar da forma como a escola é conduzida.

Hoje Rita Pereira é uma forte liderança do povo Potiguara no município de Novo Oriente e vem lutando pelos direitos de seu povo desde o início do movimento indígena nesta região. Sem fugir de seus princípios e das suas raízes, traz para dentro da escola um olhar diferenciado para e assim mantém a sua gestão com muita parceria e união entre os colegas de trabalho.

IMAGEM 7: LIDERANÇA E DIRETORA INDÍGENA RITA PEREIRA



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Mãe de dois filhos, Rayssa e Francisco, Rita divide o seu tempo entre a rotina turbulenta da escola, os cuidados com a família e as diversas responsabilidades que vem do movimento indígena (Viagens, reuniões e dentre outras). Uma forte guerreira que aprendeu com a sua mãe Dona Belinha a enfrentar as dificuldades sempre de cabeça erguida e sem fraquejar.

IMAGEM 8: PROFESSORA INDÍGENA EMILIANA SOBRAL



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Emiliana Sobral Paula é a mais velha professora indígena de Novo Oriente e foi juntamente com Rita que alavancou a educação indígena na aldeia Lagoinha dos Potiguara. Emiliana passou por muitas dificuldades no decorrer de sua trajetória, mas sempre lutou pelo melhor para seu povo. Emiliana tem três filhos e é casada com o cacique da aldeia, Neto Potiguara. Permanece trabalhando na escola indígena e participando das reuniões do movimento.

3.3 Educação diferenciada

No decorrer do tempo a busca das escolas indígenas por uma educação diferenciada através de projetos foi muito importante para o seu desenvolvimento. Nesta perspectiva totalmente nova, possibilitou aos professores indígenas buscarem e a produzirem o seu próprio material de ensino, mantendo o direito de formação para educadores de dentro da própria aldeia. Deste modo seria garantido aos alunos indígenas uma educação direcionada a sua realidade, promovendo a cidadania, sustentabilidade e a melhoria das condições de vida para os estudantes indígenas. (PESSOA, 2005, p.252)

Os povos indígenas têm levantado a bandeira do direito à diferença cultural, mas para que ocorra uma educação diferenciada de qualidade no ensino é imprescindível a valorização do magistério e a formação dos professores, suprimindo as necessidades das comunidades indígenas em ter professores de dentro de sua própria aldeia conhecedores das diversidades do seu povo.

Deste modo a escola constitui o instrumento de valorização dos saberes e produção e recreação da cultura, garantindo mediante a educação diferenciada. Diante dessa possibilidade legal, para viabilizar a ação é preciso definir estratégias de organizações escolar que atendam a cultura indígena, que tenha um currículo adequado, com a valorização do saber indígena. Enfim, que haja o reconhecimento de seus direitos étnicos e culturais. (ALMEIDA, p. 268. 2006)

Mas os professores indígenas passaram por diversos problemas, dentre eles a falta de recursos, o baixo salário e principalmente as péssimas condições de trabalho, acarretando assim no abandono dos educadores ao magistério. (PESSOA, 2005, p.254)

Neste sentido, com o diagnóstico destas problemáticas o Plano Nacional de Educação busca melhorar essas questões de infraestrutura, acesso aos meios tecnológicos, instrumentos e materiais pedagógicos, dentre outros aspectos também importantes para o bom desenvolvimento do ensino.

Em 1988 através da constituição brasileira os indígenas ficaram assegurados ao direito de ter uma educação diferenciada, em permanecer índios e assim poderem manter as suas culturas, a sua linguagem, o seu modo de vida e manter as suas tradições. A escola Indígena agora tem a oportunidade de trabalhar com os alunos conhecimentos da própria tribo, estabelecendo uma ponte entre a teoria e a prática dos saberes indígenas que estão presentes no dia a dia dos discentes e professores indígenas.

[...] os processos pelos quais uma sociedade internaliza em seus membros um modo próprio e específico de ser, que garanta sua sobrevivência e reprodução, ao longo de gerações, possibilitando que valores e atitudes considerados fundamentais sejam transmitidos e perpetuados (LOPES; CARVALHO, 2010, p.43).

A educação indígena passa por um momento de transformação, pois está buscando a melhoria do ensino diferenciado, visando integrar uma educação que seja de acordo com a realidade de cada povo e respeitando os seus costumes, a sua linguagem, os seus hábitos e a sua cultura que são diferentes de tribo para tribo para que assim tenham um ensino de qualidade e que essa educação seja útil em seu cotidiano.

A cautela que se tem a respeito desta educação diferenciada é compreensível, pois não se pode introduzir de uma hora para outra leis e regras que possam vir a prejudicar o processo desta educação. No entanto, a educação indígena tem pressa para que essa situação seja solucionada, pois o tempo está passando e os jovens indígenas continuam tendo um ensino que não condiz com a sua vivência e cultura. É imprescindível que os professores indígenas estejam

preparados academicamente para assumirem uma sala de aula e assim fazerem dessa educação diferenciada, uma educação de qualidade.

Ainda existe uma grande resistência de alguns povos originários em formarem os seus professores. A antiga constituição levava ao índio uma condição de se incorporar e se igualar à sociedade em geral. As consequências desta lei levariam os povos indígenas ao esquecimento e ao longo do tempo desapareceriam de nossa sociedade. A garantia que hoje prevalece na educação indígena é de se cultivar e repassar para os jovens as tradições de seu povo e para muitos resgatar o que um dia já foi corrompido pela sociedade do homem branco. Para esses povos só resta a tentativa de se buscar através da educação indígena o resgate pela sua cultura adormecida.

para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos. Talvez assim eles afinal as entendam, e depois deles seus filhos, e mais tarde ainda, os filhos de seus filhos. Desse modo, suas ideias a nosso respeito deixarão de ser tão sombrias e distorcidas e talvez até percam a vontade de nos destruir. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 76).

3.4 O que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) dos princípios e fins da educação nacional, a educação é dever do Estado e da família, atribuindo assim a ambos a responsabilidade de manter o direito de todos a uma educação e escolarização, onde cada um deve cumprir o seu papel, entre as obrigatoriedades existentes nestas responsabilidades citadas, o ensino é seguido por diversos princípios, dentre estes, é direito de todos condições e permanência nas unidades de ensino; é de suma importância a pluralidade de ideias, as concepções pedagógicas, o respeito à liberdade e o apreço à tolerância.

O apreço e a tolerância anteriormente citados, nem sempre é visto quando se trata de escolas indígenas, independentemente de ser indígena ou não a unidade de ensino deve cultivar em seus alunos o respeito e para isso os profissionais em que nela trabalham devem mostrar que é possível. Atualmente ainda existe muita discriminação com as escolas indígenas, sendo classificadas como incapazes de exercer o seu papel de unidade escolar, mas muitas dessas discriminações parte do seu próprio povo, que às vezes não acreditam no potencial de suas unidades de ensino.

É importante o cumprimento das responsabilidades de cada órgão e setor competente para garantir uma educação diferenciada aos povos indígenas no Brasil, respeitando as diferentes culturas existentes e a sua linguagem. Fazendo parte de seu currículo o ensino de uma língua estrangeira para a qualificação dos alunos indígenas a partir da quinta série e já no currículo do ensino médio será atribuído alguns princípios fundamentais como, educação ambiental proteção e defesa civil dentre outros estabelecido de acordo com a LDB para o enriquecimento cognitivo dos discentes.

Todo esse processo legislativo teve como objetivo assegurar e garantir o direito da diferença étnico-cultural das comunidades indígenas em todo país. De acordo com o Conselho Nacional de Educação de 1999, a estrutura e o funcionamento das escolas indígenas deve reconhecer a condição de escolas com normas e ordenamento próprios, além de fixar diretrizes curriculares do ensino intercultural e bilíngue. (OLIVEIRA, 2006).

A LDB (1996, p. 40) atribui como encargo ao Sistema de Ensino da União, juntamente com as agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, a criação de projetos que permitam aos povos indígenas resgatar as suas memórias e sua cultura obstruída por um passado de conflito e muito sofrimento para esse povo. Garante aos povos indígenas acesso às informações técnicas e científicas e a valorização de suas línguas e ciências.

A luta por uma educação de qualidade para os indígenas já repercute há vários anos e aos poucos as leis estão se adequando às suas necessidades. No decorrer das décadas muitas mudanças ocorreram e foi possível perceber os grandes avanços na educação.

As escolas indígenas devem ter aumentado consideravelmente no decorrer dos anos, mas este aumento não é apenas por conta de uma melhor funcionalidade dos sistemas que acompanha as escolas em nosso país, mas também devido a regularização destas escolas indígenas que passaram a ser um dever dos estados e municípios o seu reconhecimento de escola indígena para o censo escolar. Deste modo, os povos originários contam atualmente com um número de 2.836 escolas indígenas.

4. A CONQUISTA DA DISCIPLINA DE ARTE, CULTURA, EXPRESSÃO CORPORAL E ESPIRITUALIDADE INDÍGENA

No decorrer do tempo a educação foi ganhando novas possibilidades e outras funções. Hoje em dia a educação pode sim ser uma forma de sobrevivência, mas também ajuda as pessoas a terem uma melhor socialização, além de proporcionar um crescimento cognitivo dos discentes nas mais diversas áreas da educação, também teve muitos avanços na questão do resgate e da manifestação cultural dentro e fora dos muros escolares.

O ser humano é dependente de uma educação e ela faz parte do nosso dia-a-dia. No entanto há concepções de educação diferentes, principalmente para os nativos dessa Terra que consideram a educação fora da escola tão importante quanto o ensino ministrado em sala de aula. O seu desenvolvimento e aplicação vai além da sala de aula e da aldeia que o cerca e está presente desde as sociedades mais selvagens até as mais desenvolvidas.

Os povos indígenas por exemplo, atualmente tem todo um aparato legal, mas antes da Constituição Federal de 1988, os índios eram praticamente desconhecidos pela lei. Houve muitos avanços nas políticas voltadas para educação indígena, são ações bastante visíveis, entretanto temos ainda que progredir também na construção e no aumento de atividades possibilitando a passagem das condições do indígena oprimido para o emancipado.

Não tinha como ser estimado livre sendo ainda tutelado, considerados como oprimidos. Para acreditar na capacidade das comunidades indígenas e se tornarem emancipadas é necessário tornar possível os princípios presentes nas políticas educacionais indígenas.

Nesta perspectiva a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) agia em apoio a escolarização indigenista, a fim de permitir a garantia dos direitos e uma boa educação para os curumins que também deve ter um aprendizado de qualidade é fundamental para sua formação enquanto indivíduo social, fortalecendo o reconhecimento da sua cultura. Neste modelo de formação não existe uma única norma de ensino, pois cada povo possui suas particularidades e seus costumes próprios. Podendo colocar seus costumes e suas culturas nas aulas diversificadas.

As novas leis que proporcionaram esse resgate foram muito importantes, pois essa própria organização é uma forma de manter viva a cultura do nosso povo, mesmo em um mundo globalizado e tão imerso em tecnologias. Com uma disciplina específica, seria possível preservar essa cultura e levar para os “curumins” de nossas aldeias a vivência de nossos antepassados.

E as escolas indígenas do estado do Ceará conseguiram através de muita luta de professores e lideranças, que fosse incluído em seu currículo uma disciplina para ser trabalhada a cultura indígena e hoje essa disciplina é denominada como arte, expressão corporal, cultura e espiritualidade indígena, tendo uma carga horária de 7 horas semanais e ficando dentro da parte diversificada, mas que só abrange as turmas de creche, educação infantil e as turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental I.

A direção escolar tem um trabalho árduo, pois está sempre buscando estratégias diferentes para manter as suas escolas com atividades diferenciadas e em certas situações se faz necessário travar batalhas para garantir os seus direitos.

Os gestores indígenas estão sempre tentando articular melhorias para as suas unidades escolares, mesmo tendo muitos impasses, as escolas indígenas tentam manter viva a sua cultura, mostrando que quando há uma união desta classe, conseguimos conquistar muitas coisas e superar muitas dificuldades.

A maioria das comunidades originárias, tem contato muito íntimo com a civilização, por isso torna-se mais difícil manter as tradições do nosso povo e ensinar a sua língua junto com outras matérias. A educação indígena tem como finalidade reafirmar as identidades do povo indígena, valorizando sua cultura e conhecimentos científicos.

IMAGEM 9: HENZO RYAN, ÍNDIO POTIGUARA EM APRESENTAÇÃO DE PINTURAS CORPORAIS



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Por isso a disciplina de arte, expressão corporal, cultura e espiritualidade indígena, faz este resgate, das tradições culturais e coloca nosso aluno como protagonista deste processo de ensino

aprendizagem.

Essa disciplina foi uma conquista vitoriosa para o povo indígena, pois permite que essas escolas tenham uma educação exigida nas escolas normais, no entanto também uma educação diferenciada, onde os alunos indígenas possam conhecer um pouco mais sobre os seus antepassados, além de conhecer também a cultura de outros povos e poder produzir matérias que mantenha essa educação diferenciada viva.

IMAGEM 10: YARA MARIA, INDÍGENA PERTENCENTE AO POVO POTIGUARA E
CALABAÇA



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

A implantação desta disciplina serviu para formar nossos alunos com pensamentos mais abertos e com suas falas fortalecidas com os conhecimentos adquiridos durante as aulas. Yara estudou na escola Indígena Antônio Gomes desde o 2º ano, até o 9º ano do ensino fundamental e sempre se orgulhou por ser indígena e enfrentou os preconceitos sofridos quando foi cursar o ensino médio em outra escola, de cabeça erguida e acabou fazendo com que alunos e professores não indígenas tivessem um pensamento mais humanizado para as questões indígenas através de suas falas. Hoje Yara está cursando engenharia química na Universidade Federal do Ceará – UFC, tendo passado em 1º lugar.

Percebemos que quanto mais cedo nossas crianças aprenderem sobre nossos costumes

e nossa cultura, teremos indígenas mais preparados no futuro e a disciplina diversificada torna-se instrumento fundamental neste processo e é a partir da creche que se inicia esse contato com a parte diversificada do ensino.

IMAGEM 11: RANSLEY RYAN, INDÍGENA PERTENCENTE A ETNIA POTIGUARA E CALABAÇA



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

O aluno Ryan estuda na Escola Indígena Antônio Gomes e está cursando a creche, onde tem aula de parte diversificada e aprende dentre muitas coisas, a importância do toré, das pinturas corporais, os instrumentos utilizados pelo seu povo e também aprende sobre as músicas e a história contadas pelos mais velhos.

A ex-aluna Antonia Lara fala que, por ter estudado a sua vida toda em uma escola indígena, não consegue compreender o motivo do preconceito que as pessoas têm com os povos originários. Relata também que sempre os seus colegas vêm com muitos questionamentos sobre sua cultura e com muita curiosidade perguntam sobre os costumes e como é o ensino em uma escola indígena.

Isso acaba sendo uma coisa muito boa, pois há um interesse em conhecer a cultura do outro, através dos conhecimentos e vivências, sem o uso de um julgamento antecipado. Com os seus relatos aguçaram a curiosidade de alguns colegas que já foram fazer uma visita a nossa escola para conhecer mais sobre a cultura indígena e sobre o movimento.

IMAGEM 12: ANTONIA LARA, INDÍGENA PERTENCENTE AO POVO POTIGUARA E CALABAÇA DE NOVO ORIENTE



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Além disso, a aluna conta que existem muitas situações em que são colocadas a figura indígena de forma estereotipados pelos próprios professores, utilizando termos preconceituosos e tanto ela como outros colegas indígenas, não se sentem confortáveis com as colocações.

IMAGEM 13: APRESENTAÇÃO CULTURAL DOS ALUNOS INDÍGENAS POTIGUARA DE NOVO ORIENTE



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

A disciplina de arte expressão corporal, cultura e espiritualidade indígena traz um conhecimento que vai além da sala de aula, libertando o aluno dos fortes pré-conceitos que lhes amarram sobre sua própria cultura, além disso faz com que os alunos tenham orgulho de ser parte integrante deste movimento indígena.

4.1 A importância da Licenciatura Intercultural Indígena – KUABA

A Licenciatura intercultural indígena ⁴Kuaba veio para suprir um pouco das necessidades das comunidades indígenas que tinham carência em professores formados em algo voltado para seu povo. Com o Kuaba foi possível reavivar, fortalecer, vivenciar e construir uma educação que de fato venha estar de encontro com as necessidades dos povos indígenas do estado do Ceará.

O curso teve como Coordenador o professor Carlos Kleber Saraiva de Sousa e como Vice - coordenador o professor Antônio Duarte Fernandes Távora. A turma foi composta por 135 alunos, das etnias: Gavião Jenipapo-Kanidé, Kalabaça, Kanidé, Pitaguary, Potiguara, Tabajara, Tapeba, Tapuia-Kariri, Tremembé, Tupinambá e Tupimba-Tapuia, tendo como núcleo de formação: Culturas Indígenas e Antropologia, Ciências Humanas, Língua Portuguesa, História e Matemática, assim os universitários poderão atuar nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.

Essa licenciatura deu início às suas atividades regulares em 2017 onde existe uma parceria entre a Universidade Estadual do Ceará e o programa de apoio à formação superior e licenciatura indígena PROLIND⁵ totalizando uma carga horária de 3306, tendo a participação de onde participaram 23 professores que trabalharam de forma remunerada e de forma voluntária para que o curso não parasse.

No início os encontros aconteciam nas aldeias, assim era possível conhecer suas especificidades, onde havia o fortalecimento com as noites culturais, com a vivência territorial e com o conhecimento da luta de cada povo. As idas as aldeias faziam a união entre teoria e a prática e mostrava as especificidades de cada aldeia. As aulas eram ministradas nas escolas e os alunos eram acolhidos em galpões, escolas, associações e dentre outros locais durante duas semanas no mês de forma alternada.

As cidades que receberam as turmas do Kuaba foram: Caucaia, Itapipoca, Aquiraz, Maracanaú Pacatuba, Novo Oriente, Itarema, Tamboril, São Benedito, Crateús, Poranga, Tabosa Monsenhor Tabosa, Aratuba e Canindé.

Durante o curso, essas aldeias paralisaram as aulas regulares nas escolas para poder alojar todo o grupo das três turmas e as aulas aconteciam em salas de aulas, de baixo de árvores, em galpões dentre outros locais.

⁴ KUABA: Palavra indígena que significa local de conhecimento e se tornou o nome da turma de Licenciatura Intercultural Indígena na UFC.

⁵ PROLIND: Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas.

Com o passar do tempo os indígenas passaram a reivindicar um espaço dentro da UFC e as aulas passaram a ocorrer no Centro de Humanidades em Fortaleza. As aulas na universidade foram importantes para que os alunos deixassem também sua marca dentro do campus UFC para mostrar um pouco da diversidade indígena existente no Ceará e ignorada por boa parte população.

Em 2020 com a chegada da Pandemia de COVID-19 ao Brasil pandemia as aulas passaram a ocorrer no formato online, foram muitas dificuldades a serem enfrentadas, mas a expectativa era do curso não parar e mesmo com esse ensino remoto, as aulas permaneceram no formato online, mesmo após o fim da pandemia.

Foram 5 anos de muita luta e resistência, mas cheio de conhecimentos teóricos proporcionado pelos doutores que ministravam as aulas e muitos conhecimentos vivenciados a cada viagem. Em todas as aldeias em que tivemos, foi possível perceber o quanto esse curso foi sonhado por gerações passadas, para que seus parentes tivessem uma educação diferenciada e de qualidade.

5. A IMPORTÂNCIA DAS REZADEIRAS PARA A DISCIPLINA DE ARTE, CULTURA, EXPRESSÃO CORPORAL E ESPIRITUALIDADE INDÍEGA

No Ceará, assim como em outras regiões do Brasil, as rezadeiras desempenham um papel significativo na cultura e na medicina tradicional. Elas são mulheres respeitadas dentro de suas comunidades por possuírem conhecimentos transmitidos oralmente ao longo de gerações sobre práticas de cura, benzeduras e rezas para tratar diversos males físicos e espirituais.

As rezadeiras geralmente usam rezas, orações, benzeduras e remédios naturais baseados em plantas medicinais para tratar doenças, afastar energias negativas e promover a cura de problemas de saúde. Suas habilidades são frequentemente associadas a uma combinação de elementos espirituais e conhecimento empírico sobre as propriedades medicinais das plantas.

Essas mulheres são consideradas figuras importantes nas comunidades do Ceará e são procuradas por pessoas que buscam alívio para seus problemas de saúde ou outros dilemas pessoais. Elas também podem estar envolvidas em rituais e cerimônias tradicionais, como bênçãos em momentos especiais da vida, como nascimentos, casamentos e outras ocasiões importantes.

É fundamental destacar que o trabalho das rezadeiras está enraizado na tradição cultural local e muitas vezes coexiste com a medicina moderna. Embora essas práticas sejam altamente valorizadas por suas comunidades, é importante observar que nem todos os tratamentos oferecidos pelas rezadeiras são apoiados por evidências científicas e, em alguns casos, pode ser necessário recorrer a cuidados médicos formais.

No Brasil, em 2006, o Ministério da Saúde reconheceu oficialmente a importância das práticas populares de saúde, como as de rezadeiras, incluindo-as nas políticas de atenção básica. Isso ajudou a promover a valorização e o respeito por essas tradições culturais e de saúde, garantindo que elas fossem reconhecidas dentro do sistema de saúde do país.

Os povos indígenas são marcados por uma rica cultura espiritual e isso se destaca em suas formas práticas de tratar tanto das doenças espirituais, como físicas. A medicina tradicional é bastante utilizada dentro das aldeias e se mostrou muito eficiente quando não se tinha acesso aos sistemas de saúde pública, por ser muito escasso em nossa região. E nos momentos difíceis de doenças, o nosso povo utilizava da medicina tradicional e da vasta sabedoria dos nossos

“troncos velho⁶” de conhecimento das plantas medicinais e também das rezas.

As rezadeiras/rezadores são mulheres ou homens dotadas com uma espiritualidade muito forte, onde trabalham de forma voluntária e em total dedicação para a cura de qualquer um que precise de suas orações. Dentro das aldeias essas pessoas fazem um trabalho com muito afinco, sempre cuidando do seu próximo.

As rezadeiras carregam com sigilo uma vasta sabedoria repassada por seus ancestrais e saberes que foram adquirindo durante a sua vida. Muitas rezadeiras da nossa região também eram parteiras e traziam consigo muita coragem e determinação para cuidar do povo de sua aldeia.

Existe uma grande preocupação de nosso povo em manter as nossas culturas, apesar das grandes modificações culturais que vem sofrendo no decorrer da história. E o resgate desta cultura não é tarefa fácil, pois muita coisa já se perdeu, devido aos nossos hábitos indígenas de guardar as histórias apenas na memória e repassando de geração para geração.

Mas está cada dia mais nítido a necessidade de se apropriar do hábito do “homem branco” em escrever e deixar registrado de diferentes formas, as histórias dos nosso mais velhos e assim podemos transformar em livros, filmes, cartilhas, dentre outros.

Nesta perspectiva existem uma infinidade de temáticas que podem ser trabalhadas na disciplina de arte, expressão corporal, cultura e espiritualidade indígena, mas uma temática que não pode ficar de fora é a questão das rezadeiras, pois cada vez mais esta cultura vem ficando mais extinta.

E justamente por este motivo as devemos colocar nossas rezadeiras dentro da disciplina da parte diversificada e assim criar muitos registros e quem sabe, despertar em outras pessoas o dom da reza. É importante destacar que em nossa região as rezadeiras vêm ficando cada vez mais afastadas de suas práticas, por diversos motivos, dentre eles, está a ligação do índio com a medicina científica que passa a distanciar o indígena da medicina tradicional.

Uma das conquistas dos povos indígenas foi o posto de saúde, pois muitos morriam à míngua por falta de atendimento. Com a implantação do posto de saúde dentro das aldeias, os indígenas passaram a ter um atendimento diferenciado e com maior agilidade, mas ao mesmo tempo, este povo acabou perdendo um pouco da cultura de utilizar as ervas e sua espiritualidade para o tratamento de algumas doenças.

Esta é uma pauta que vem preocupando nossas lideranças, pois devemos sim agradecer e buscar melhorias para nossa população indígena, mas devemos também saber lidar com as

⁶ Troncos Velho: Ditado popular indígena para se referir aos idosos e seus antepassados.

coisas que são implantadas dentro da aldeia, para que venha sempre somar e nunca para subtrair, pois tem muitos que vão em busca de medicamentos farmacêuticos até mesmo para curar uma simples dor de cabeça e não tem mais o hábito de fazer um chá.

A religião evangélica vem se tornando uma forte contribuinte que está ajudando a banir essa prática das rezas. É possível ver que estão fazendo exatamente o que os padres jesuítas fizeram com os indígenas há muito tempo atrás. Pois está havendo a proibição dos indígenas de realizarem as suas práticas quando são convertidos.

Muitos indígenas deixam de participar dos nossos rituais sagrados, como o toré e os religiosos que mesmo sendo proibido continuam fiéis à sua cultura, acabam sendo criticados e muito discriminados pelo restante do grupo.

Cavalcante (2016, p. 62) propõe:

A dinâmica étnica é vista, então, como um processo de produção de identidade, de territorialidades e temporalidades, a se intensificar no e pelo contato, nas fronteiras delimitadoras dos contextos e das posições de enunciação dos sujeitos. A religiosidade e a espiritualidade são, portanto, gestadas sob tais atravessamentos semânticos, o que carece de uma atenção especial quanto às imbricações entre cultura e poder.

Pensando nisso muitas aldeias estão tentando resgatar um pouco desta cultura das rezas e da medicina tradicional através de seminários, encontros e outras manifestações culturais, visando a valorização destas práticas que por tanto tempo foi a única forma de cura de nosso povo.

Nesta perspectiva seria muito imprescindível tratarmos de temas importantes dentro da escola que interessasse e também guardasse na memória dos nossos jovens as pessoas que foram importantes dentro da comunidade por exercer trabalhos voluntários e de grande sabedoria. Deste modo podemos colocar aqui a importância das rezadeiras dentro das aldeias, pois foram e ainda são, figuras de muita riqueza para os nossos povos, por isso é dever dos estudantes indígenas escrever, valorizar e transmitir os seus conhecimentos, além de deixar suas histórias registradas para a prosperidade.

5.1 Rezadeira Clotilde Nunes Moreira

Durante a construção deste trabalho tivemos a perda de uma das rezadeiras mais velhas da nossa região, a Clotilde Nunes Moreira, que aos seus 95 anos de idade, era lúcida e não media esforços para atender a todos que precisavam de suas rezas. E ficará marcado em nossas memórias todas as histórias com ela vividas.

IMAGEM 14:A REZADEIRA DONA CLOTILDE



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Dona Clotilde é uma das poucas rezadeiras que tinha muito gosto de ensinar suas rezas para quem tivesse a vontade de aprender e pôde nos relatar que aprendeu a rezar com suas tias e com sua avó. O maior legado que essa senhora vai deixar para nós, será a humildade com a qual ela tratava a todos que precisavam de suas rezas e de seus serviços. E é importante dizer que em nenhum momento Dona Clotilde falava que curava, ela simplesmente falava que a cura vinha de Deus.

Conta que quem a ensinou a rezar foram as suas tias e sua avó. E passou a rezar em todos que lhe procuravam. Conta ainda que suas rezas eram para curar do quebranto, ventre caído, cobreiro, tirar sol na cabeça, dor de barriga, engasgo e espinhela caída.

Dona Clotilde fala que o cobreiro é muito perigoso, pois ele papoca a cintura e percorre o corpo e se encontrar não escapa. Já a espinhela caída a pessoa sente dor nos peitos e nas costas e não consegue se mexer com tanta dor. Já os sintomas de quebranto começam com a criança ficando trstinha, aí apresenta vômito, de olhos fechados e as vezes apresenta com muita diarreia e nada consegue animar a criança, mais depois que ela reza a criança já mostra uma melhora no

mesmo momento, abre os olhos e já vai ficando mais espertinha. São alguns dias de reza para a criança ficar totalmente curada.

Dona Clotilde conta que o sol na cabeça a pessoa sente a cabeça doer muito e fica tonta, ela faz então a oração utilizando um copo de água na cabeça e durante a reza a água borbulha, diz que é quando está saindo e a pessoa melhora rapidinho.

A reza para desengasgar tanto ser humano como animal é a mesma: “Casa nova, esteira velha, homem bom, mulher má, São Brás bispo, escrivão de cristo, Jesus manda que São Bráz desengasgue, espinha de peixe ou suba ou desça da goela de (dizer o nome da pessoa). “ Em seguida reza um pai nosso, oferecido a São Braz.

Já a reza pra frieira: “A galinha e a rainha nunca tiveram frieira, a rainha no palácio e a galinha no poleiro, viva a rainha, viva a galinha e morra a frieira”.

5.2 A rezadeira Antonia Canuto de Macedo

Antonia Canuto de Macedo, nascida em 21 de julho de 1959, conta que pode dizer que não teve infância, pois sua mãe, Ana Canuto de Oliveira lhe ensinou desde de sendo a fazer os trabalhos domésticos.

IMAGEM 15: REZADEIRA ANTONIA CANUTO DE MACEDO



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Sua mãe era alfaiate e como eles tinham também um pequeno comercio e conta que aos 5 anos de idade já varria a casa, varria os terreiros, lavava os cueiros dos irmãos mais novos, já

ariava⁷ os copos, ia pra serra com seu pai para fazer comida enquanto ele estava nas roças e sempre quando pedia para ir na casa de alguma criança da sua idade para brincar, ela sempre respondia não. E dizia que era melhor fazer alguma coisa dos serviços de casa do que ir pra casa dos outros e assim viveu sem saber o que era brincar.

Conta que fez uma espécie de catecismo com uma mulher chamada Rita Silva que vinha para sua casa e ensinava o catecismo pra ela e para a Raimunda do Vanderlei e aos 9 anos de idade se preparou para ir fazer a primeira comunhão na comunidade de Riacho Seco, neste mesmo dia foi madrinha de duas crianças. Veio vários padres da cidade de Independência⁸ e eles lhe acharam muito avançada, pois já sabia os mandamentos, já sabia rezar o terço e já sabia as orações básicas.

Neste mesmo período de 9 pra 10 anos sua mãe Ana estava grávida e suas pernas incharam tanto que rachava, então ela colocava Antunelda para torrar café, pisar arroz, remendar as roupas do pai dela e dizia que ela não teria ela por toda vida e tinha que aprender a fazer as coisas. Sua mãe então morreu de parto junto com a criança e Antunelda assumiu todas as responsabilidades de casa, criar os irmãos, fazer comida para os trabalhadores, arrumar a casa, colocar água para beber e para banhar e muitos outros serviços e além disso, seu pai começou a fazer as farinhadas e ela ia para a serra fazer comida para os trabalhadores e sofreu muito com toda essa responsabilidade.

Conta ainda que seu pai nunca deu nada para ela e sempre que precisava de um chinelo, ou mesmo alguma roupa para vestir, tinha que apanhar mamona e depois vender para poder comprar. Assim, nem ela e nenhum dos outros filhos pediam nada a ele, apesar de passarem muita precisão. Duas de suas irmãs mais novas, suas tias maternas passaram a cuidar, para poder ajudá-la e voltaram já quando estavam grandinhas.

Aos onze anos de idade ela já ia lavar roupa em outras comunidades devido a escassez de água sozinha, saía de madrugada pelo caminho ser longo e voltava já quase de noite. Ela fala que às vezes tinha a ajuda de outras mulheres que ficavam com pena dela e ajudava a lavar as roupas. O percurso era feito no lombo de jumento. Ela conta as localidades em que lavam roupa que era: Riaseco, Pedra Preta, Monte Alegre, Santo Antonio e no Bom Sucesso. São todos lugares distantes de sua comunidade, alguns há 10 Km de distância.

Aos 16 anos casou-se e teve 6 filhos e criou mais duas crianças, uma afilhada e um sobrinho, sua avó paterna que era rezadeira e lhe perguntou se gostaria de aprender a rezar nas

⁷Ariar: Técnica de polir as panelas até obter brilho, sendo utilizados pelos mais velhos, água e areia.

⁸ Independência é um município brasileiro do estado do Ceará. Localiza-se a uma latitude 05°23'47" sul e a uma longitude 40°18'31" oeste, estando a uma altitude de 343 metros.

crianças, e ela aceitou, e lhe ensinou a rezar de ventre caído, cobreiro e quebranto.

Uma das orações que a sua avó ensinou foi essa:

Ó minha virgem da Conceição, senhora esclarecida, mãe de Deus rainha da vida, sou uma pobre entristecida, dáime força mãe senhora, a vossa consolação, vus correndo apreçada atrás da vela cruz, eu corro apreçada atrás da mãe de Jesus. Ó mãe voz dizeis pela vossa santíssima boca que quem por voz chamais 150 vezes por dia vos favorecia, valei-me virgem da conceição esta chegada a ocasião.

Esta oração ela faz quando esta preocupada, aflita por algum motivo. Antunelda fala que sua avó Chiculta, também lhe ensinou a rezar o terço e fazer o oferecimento.

Bendito louvado seja, da santíssima trindade, meu Jesus que padeceu pela mila cristandade, morreu cravado na cruz bebendo fel e vinagre, uma lançada lhe deram no peito com crueldade, mais de cinco mil açoites em vossas sagradas carnes, padeceu infinita dor tudo por nossa maldade, ó meu amoroso Jesus santo de toda bondade, por vossas divinas chagas tenha de nos piedade, uma sagrada Maria Rainha sois da gloria, com triste arrependida peço a Deus misericórdia, misericórdia senhor, misericórdia!. Fazei com que vamos viver com vosco na gloria, Amém!. Meu senhor ressuscitou-se para nunca mais morrer, ajudai-me a viver, minha benção meu Jesus que eu quero ir.

Antunelda fala que aos 12 anos iniciou a rezar o terço com sua avó, e quando se casou com 16 anos, teve seu primeiro filho aos 17 anos. Sua avó já lhe ensinou algumas rezas para rezar nas crianças. Dona Chicuta rezava nos netos e ao mesmo tempo ensinava a Antunelda a rezar também. A partir deste momento ela passou a rezar nos seus filhos e em crianças de toda região, Bom Sucesso, Lagoa de Dentro, Barriguda e outras localidades vizinhas.

IMAGEM 16: REZADEIRA ANTUNEUDA REZANDO DE ESPREMEDEIRA NO RYAN



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

“A reza do ventre caído é uma reza muito simples e você jura que ela não serve” diz Antunelda contando que se surpreendeu com a simplicidade da reza e achou que não teria efeito algum a reza que diz: “Porta dos fundos, virada pro norte, ventre caído procure seu lugar.” Ela explica que em seguida reza um pai nosso e oferece a Jesus Cristo para curar aquela criança. Antunelda disse que depois da oração feita as crianças ficavam curadas e ela fazia outra oração de agradecimento.

Ela acredita que seja uma mistura da fé da pessoa que lhe procura e a fé que ela tem da pessoa ficar boa. E relata diversas pessoas que já se curaram com suas rezas.

Oração para curar crianças de espremedeira: “Deus te salve espremedeira que a terra chegou, vá embora que a resta mandou.” Enquanto reza, vai fazendo o sinal da cruz na barriga da criança e em seguida reza o pai nosso e oferece ao nosso senhor Jesus Cristo.

Relata também que tem muitas rezas que ela gostaria de aprender, que é de espinhela caída, sol na cabeça, pois nunca teve oportunidade de aprender.

5.3 A rezadeira Osmarina Valentino de Oliveira

Dona Osmarina tem 60 anos de idade, 1963, nascida na comunidade de Cajazeiras no município de Novo Oriente. Conta que sua infância foi muito sofrida e que até os seus sete anos de idade foi muito feliz, mais depois desta idade, teve muitas dificuldades e sofreu muito, passou fome, dormia mau, devido a falta de rede para todos os filhos e assim tinha que estender a rede no chão para poder dormir junto com os irmãos.

Aos onze anos passou por muito sofrimento, pois conta que foi enterrada viva na areia, mas teve uma boa pessoa que lhe desenterrou. Conta ainda que passou por muitas dificuldades em sua vida, pois seu pai que era o provedor da família, passava o dia trabalhando e chegava em casa com um ou dois quilos de feijão, ou algum outro tipo de alimento.

Depois dos dezoito anos as coisas foram mais difíceis ainda, devido a falta de recurso, mas hoje Dona Osmarina vive bem com seu esposo e seu filho adotivo, os demais filhos já são pais e mães de família e cada um tem sua vida independente.

IMAGEM 17: RESADEIRA OSMARINA VALENTINO DE OLIVEIRA



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Conta que aprendeu a rezar aos 28 anos com uma senhora com o nome de Maria Cangureira que residia na comunidade de Riacho seco. E hoje ela reza de quebranto, mau olhado, dor de cabeça, espinhela caída, ventre caído, reza em ferimentos que chama reza de vermelho, reza de problemas de pele, reza de ramo e outras.

Essas mulheres exercem esse dom com o mesmo afinho e dedicação, atendendo a quem lhes solicita, independente do dia ou horário. Elas rezam para diversas doenças. E cada uma tem sua história de vida de muita luta e mesmo assim não deixa de servir ao próximo.

E essas histórias devem ser apresentadas para os nossos alunos em sala de aula, convidando as rezadeiras para participarem de uma roda de conversa, ou mesmo para uma palestra, trazer para o centro essas pessoas que foram e que são tão importantes para nossas comunidades indígenas e não indígenas.

Assim é possível perceber a importância desta disciplina diferenciada dentro de nossas escolas, pois além de revitalizar e valorizar essa cultura, também teremos alunos mais humanizados com relação às questões sociais, com um maior respeito às diferenças, alunos conhecedores de suas histórias e da história de vida de seu povo no passado e no presente.

5.4 Francisco Cosme de Oliveira

Dona Francisca é uma forte rezadeira da nossa região, nascida em 09 de fevereiro de 1962, teve uma infância pobre, mais sempre com muita força pra enfrentar as batalhas da vida. Francisca conta que nasceu na comunidade de Bom Sucesso, mourou no Saco da Maria Sabino e na Lagoa dos Neres. Teve duas filhas: Maria Aparecida e Antonia, foi mãe solo e teve que trabalhar muito para dar o sustento de suas crianças.

IMAGEM 18: REZADEIRA FRANCISCA COSMO



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Fala que aprendeu a rezar com a sua mãe Maria Cosmo, que era uma forte rezadeira desta região e com apenas 10 anos de idade, já acompanhava as rezas de sua mãe e assim foi aprendendo este ofício. Relata que as crianças que já passaram por suas rezas, até hoje foram curadas, pois possui uma reza muito forte.

Ela reza de espremedeira, espinhela caída, sol na cabeça, cobreiro e muitas outras. Relata que ainda é muito procurada pelas pessoas para rezar.

5.5 As rezadeiras e o uso das plantas medicinais no tratamento de doenças

A reflexão acerca da importância das plantas medicinais dentro da aldeia é de extrema utilidades e importância para um povo que acredita e que aprenderam com seus troncos velhos

a utilização dessa medicina tradicional.

No decorrer de muitos anos o nosso povo viveu em situações de muita vulnerabilidade social imensa e passando por muitas necessidades. Assim, a ida ao médico era algo muito raro e que acontecia apenas em casos de extrema urgência. Muitos de nossos antepassados nunca foram ao médico, além de ser algo que era de difícil acesso, alguns resistiram a esse tipo de medicina.

Assim, podemos destacar que a medicina trazida das matas era a alternativa mais utilizada pelos os índios de nossa região. As plantas medicinais oferecem aos índios uma forma de sobrevivência em meio às doenças que permeiam na comunidade.

As rezadeiras e rezadores conduzidos por sua vasta experiência e conhecimento de folhas, galhos, e raízes, para fazer lambedores, garrafadas, chás dentre outros, que poderiam servir como remédio para determinados problemas de saúde, se tornando assim o suporte de todo um povo nos momentos de aflição.

Muitos idosos que tinham os conhecimentos de raízes e cascas destinadas para cada doença, já faleceram e levaram consigo a sabedoria e os conhecimentos da mata. Atualmente é na escola que tentamos resgatar estas ações, para que a ciência da mata não acabe e seja repassado para os mais jovens, e assim dando continuidade a essa cultura tão importante.

5.6 As plantas medicinais

O conhecimento das plantas medicinais pelos mais velhos, muitas vezes chamados de conhecimento tradicional ou conhecimento ancestral, é de extrema importância para a sociedade. Esses indivíduos acumularam saberes ao longo de suas vidas por meio de experiência, observações e transmissões de geração em geração. Esse conhecimento é valioso por diversas razões:

Preservação cultural: O conhecimento das plantas medicinais pelos mais velhos é um componente essencial da herança cultural e tradição de uma comunidade. É uma forma de preservar a identidade e os valores de um grupo específico.

Fonte de sabedoria: As pessoas mais velhas possuem um vasto conhecimento adquirido ao longo de suas vidas. Suas experiências e sabedoria são altamente valorizadas e respeitadas nas comunidades.

Medicina tradicional: O conhecimento sobre plantas medicinais é uma parte essencial da medicina tradicional em muitas culturas. Os mais velhos desempenham um papel

fundamental como curandeiros ou rezadeiras, fornecendo tratamentos naturais para diversas condições de saúde.

Sustentabilidade e preservação ambiental: O conhecimento dos mais velhos sobre as plantas medicinais inclui também informações sobre a coleta e uso sustentável dessas plantas. Isso ajuda a promover a preservação do meio ambiente e da biodiversidade, uma vez que essas práticas tradicionais muitas vezes envolvem um respeito profundo pela natureza.

Adaptação às mudanças: Os mais velhos também têm a capacidade de se adaptar ao longo do tempo, incorporando novos conhecimentos à medida que as circunstâncias mudam. Isso pode ser especialmente importante em face de mudanças climáticas ou transformações sociais que afetem as tradições.

Ensino e transmissão do conhecimento: O conhecimento das plantas medicinais é transmitido oralmente de geração em geração. Os mais velhos desempenham um papel fundamental na educação das gerações mais jovens, garantindo a continuidade dessas práticas e saberes.

Conexão com a natureza: O conhecimento das plantas medicinais pelos mais velhos está frequentemente ligado a uma conexão profunda com a natureza e uma compreensão das relações entre os seres humanos e o ambiente natural.

5.7 Emanuel Beleza de Oliveira

Emanuel Beleza de Oliveira foi um homem muito querido na região, nascido em uma família muito pobre, perdeu sua mãe muito cedo, quando ainda era criança e veio para Lagoa dos Neres morar com o Sr. Vicente Bastião e cresceu nessa família até ficar adulto. Trabalhou em serviços pesados durante toda sua vida, indo pra roça, pegando cargas pesadas, subindo as serras para trabalhar em meses de farinhadas e assim ia ganhando a comida e o que vestir.

Com o tempo ele casou com Dona Francisca, uma viúva que tinha vindo embora pra nossa comunidade devido a perda do seu esposo em 1953 com seus 5 filhos e com o Emanuel ela teve 3 filhos e passaram a morar na comunidade de Saco da Maria Sabino que fica próximo a nossa comunidade de Lagoa dos Neres. Emanuel Beleza de Oliveira era carinhosamente conhecido como “Tio Mamim” pelas crianças e “Morais” pelos os adultos. Como ele chamava a todos de compadre e comadre, as pessoas acabavam o chamando de compadre também. Um homem muito querido e carinhoso com todos.

Ele servia a todos de forma voluntária na tentativa de ajudar ao próximo retirando cascas, raízes e folhas da mata. Durante toda sua vida foi morador do Senhor Emanuel Sales na

localidade de Saco da Maria Sabino, e morreu sem conseguir ter um pedaço de chão para morar. Em sua casinha de taipa⁹, viveu com sua esposa Dona Francisca, e com seus filhos e enteados que aos poucos foram saindo de casa para seguir suas vidas.

Trabalhava de roça e conforme foi envelhecendo, passou a trazer as folhas, raízes e cascas de pau e trocar por um real, 2 reais e até mesmo uma dose de cachaça que ele tanto gostava. Por ter um pequeno atraso em sua fala, todos riam e brincavam com muito com o seu vocabulário tão inusitado, Tio Mamim não tinha maldade em seu coração, pois até mesmo aqueles que o tratava mau, ele tratava de forma carinhosa.

As crianças o amavam, pois era um velhinho que respeitava a todos e em especial as crianças, ele parava para ouvir cada história e sempre arrancava dos pequenos muitas gargalhadas pelo seu modo de falar.

Nem ele e nem ninguém sabia da sua idade, então fizeram uma base para poder tirar a sua identidade e assim conseguir um aposento. Ele trabalhou muito e teve uma vida muito sofrida, de acordo com os relatos trabalhava igual "burro de carga". Tio Mamim era muito solidário as mulheres, como foi uma época de muito sofrimento de todos, alguns mais e outros menos, mais todos tinha uma árdua rotina, as donas de casa sofriam muito com lavamento de roupa em distâncias extremas devido a falta de água. carregavam água em baldes de zinco na cabeça por grandes distâncias para beber, lavar louças e para todos banharem. Então, sempre que ele via alguma dessas senhoras na labuta, ele sempre dava um jeito de ajudar, mas sempre com todo respeito.

Fazia a cava de cacimbas¹⁰ para as mulheres pegarem água para beber. Varria os terreiros para ajudar, cortava a lenha, carregava água de grandes distâncias em ancas¹¹ em cangalha¹² e no lombo de jumento.

Seu conhecimento das plantas medicinais era gigantesco e virou um grande sábio desta região da medicina tradicional, pois sabia o nome de todas as raízes, cascas de pau e para que cada uma servia, além disso ele sabia onde encontrar cada uma delas.

⁹ A taipa é um material vernacular à base de argila (barro) e cascalho empregue com o objetivo de erguer uma parede.

¹⁰ Cacimbas: Buraco feito nas proximidades de um açude ou riacho que dá água potável.

¹¹ Ancas: Recipiente feito de madeira no formato de um cilindro com alças de couro para colocar nos cabeçotes da cangalha.

¹² Cangalha: Objeto utilizado para colocar em jumento, burro ou cavalo e assim carregar cargas mais pesadas como ancara, jaca e dentre outras coisas.

IMAGEM 19: EMANUEL BELEZA DE OLIVEIRA



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Como sempre Comboinava para Serra, nas redondezas acima de burro, levando coisa e trabalhando nas farinhadas que tinham, sempre tirava um tempo para a busca de cascas raízes ou folhas medicinais que já tinham sido encomendadas por outras pessoas. Essas remédio caseiros feitos por dona Francisca sua esposa ou as raízes e cascas retiradas por ele era enviada para São Paulo, Brasília e outros lugares e as pessoas que pediam sempre lhe enviava um agrado para ele mesmo ou para sua família.

Não era comum o pagamento com dinheiro e mesmo quando passou a ser, o tio Mamim permaneceu com os mesmo hábitos e rotina de aceitar apenas alimentos e outras coisas que estivesse precisando em troca de sua mercadoria e se caso a pessoa não tivesse nada para oferecer, ele simplesmente sorria e dizia que não era nada.

5.8 Curiosidades sobre o Tio Mamim

- Ele tinha dificuldades de falar e além de ser gago, sempre chamava os objetos com nomes diferentes por não saber pronunciar seus nomes, mas como todos já estavam

acostumados com ele, sempre sabia do que se tratava. Exemplo: Sabonete: ele chamava de Sabão Cheiroso;

Catingueira: ele chamava caganeira; Variando¹³: ele chamava de “ruriano”; Ele falava que o seu nome era Manel Lovel;

- Ele não sabia ler nem escrever, mas tinha total conhecimento da natureza em que o cercava.
- Não usava camisa, estava sempre vestido apenas com calça ou short e sempre sem camisa e veio usar camisa depois que se aposentou e vestia apenas no dia de ir tirar seu dinheiro do aposento.
- Nunca havia usado chinelo de fábrica, ele mesmo fabricava seu chinelo que era feito de pneu velho e tiras de couro ou fitilho e as pessoas já conheciam o seu rastro por onde passava, devido ao corte do chinelo no formato retangular.
- Sempre andava com umas tiras de couro no bolso pra caso o cabresto da chinela quebrasse ele sempre tinha uma de reserva
- Ele nunca tinha havia tomado remédio de farmácia durante toda a sua vida, pois tomava apenas remédios caseiros e nunca tinha se consultado com médico, mas no final da sua vida apresentou um problema de coração e foi ao médico e teve que tomar remédios de laboratório.
- Sempre trabalhava para as pessoas e não ganhava dinheiro e sim coisas de comida como: arroz, gordura, farinha, feijão e etc e assim criou a sua família.
- Ele tinha mais ou menos uns 7 cachorros e sempre andava com 3 ou 4 para onde ia, pois tinha um grande amor pelos animais.

Ele faleceu no dia 5 de setembro de 2018 de problemas de coração e causou grande comoção nas comunidades pelas redondezas, pois foi uma grande perda. Um homem que só transmitia coisas boas e com a sua bondade e sabedoria, conquistava até os mais carrascos senhores.

5.9 Maria Pereira do Nascimento Silva

A Senhora Maria Pereira do Nascimento Silva mais conhecida como Dona Belinha, foi uma mulher muito guerreira, teve infância muito sofrida e assim como toda a maioria da população brasileira, vivia na extrema miséria. Casou-se com o Senhor Antônio Gomes, mais conhecido como Seu Antozinho e tiveram 19 filhos, com 15 filhos vivos, 3 abortos naturais e

¹³ Palavra utilizada pelos nordestinos para definir alguém que estava delirando.

um filho que faleceu com 6 meses.

No decorrer da sua vida e com as dificuldades da época, foi aprendendo diversos ofícios, que iam além de ser Dona de casa. Para sobreviver, lavava roupa pra fora, foi parteira e fazia o seu próprio pré-natal. Encontrou na medicina tradicional uma forma de manter a saúde de seus filhos e por isso aprendeu a fazer chás, lambedores, cheiradores e garrafadas, mas os seus saberes não serviam apenas para ela e suas família, era procurada por muitas pessoas de dentro e dos arredores de sua comunidade.

Após casar-se, morou na comunidade do Saco da Maria Sabino, na Lagoa dos Neres e por fim na comunidade de Lagoinha dos Potiguara. Passou muita fome junto com sua família, viveram na extrema miséria e lidaram com muitas doenças no decorrer de suas trajetórias.

O seu filho Celso conta que choravam com fome e não tinha o que comer, falara da seca de 70 e da seca de 93, pois foram os piores tempos já vividos, Sua filha Rita, uma das novas, conta que as coisas na sua época já eram melhores, mas mesmo assim, passou muita fome e quando veio ter uma sandália de fábrica para calçar, já tinha 13 anos, pois todas as outras eram feitas de pneus.

A merenda era café com farinha e o arroz era pisado todos os dias, o cuscuz também era pisado e os farelos que restava no pilão era utilizado para fazer baião. Então tudo se aproveitava.

Em vida, Dona Belinha contava muito sobre as suas experiencias como conhecedora da medicina tradicional, falava sobre as mulheres que lhe procuravam para fazer garrafadas. Muitas queriam engravidar e não conseguiam e Dona Belinha tinha garrafada perfeita que funcionava, em pouco tempo a mulher aparecida grávida.

Existia também as garrafadas para abortar, que era feitas para mulheres com diferentes justificativas. Dona Belinha explicava que fazia a garrafada e orientava as mulheres, pois geralmente eram mulher muito jovens e que os pais até matariam se descobrissem a sua gravides. Contava também que havia casos de mulheres casadas que engravidavam de outros homens e para evitar uma tragédia acabava fazendo essas garrafadas para que perdessem.

A sabedoria de Dona Belinha com as plantas medicinais ajudava muitas pessoas e com relação aos abortos que ajudou a fazer, ela explicava que se arrependia muito de ter feito, mas que eram tempos muito difíceis e de homens muito machistas que eram capazes de fazer qualquer coisa para defender a sua honra.

IMAGEM 20: LIDERANÇA INDÍGENA DONA BELINHA



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Dona Belinha contava que muitas crianças e adultos eram curados com suas garrafadas e com o poder de reza das rezadeiras. Dizia que a ida ao médico no tempo de sua juventude, era só em caso de extrema necessidade e em muitas situações algumas pessoas morriam à mingua. Contava muito sobre a sua fé na espiritualidade das rezadeiras e contou sobre um de seus filhos que ainda bebê foi desenganado pelos médicos e por indicação de um parente mandou uma foto do seu filho para que o rezador fizesse uma oração a distância, pois não tinha como levar a criança até a sua casa. O rezador disse que rezaria durante três dias pela cura de seu filho e orientou como deveria ser feito com a criança e ao final dos três dias a criança já apresentava melhora e ficou curada.

Seus filhos contam que com o passar do tempo, foram crescendo e assim podendo ajudar o seu pai na roça e assim as coisas foram melhorando. Passaram a ter uma certa estabilidade de ter pelo menos o grosseiro ¹⁴ como: farinha, arroz, óleo e feijão. E mesmo com as dificuldades da vida, Dona Belinha era uma mulher simpática e que gostava muito de brincadeiras.

Em 1981 foram morar na comunidade que hoje é chamada de Lagoinha dos Potiguara, mas que antes do movimento indígena se iniciar, essa localidade era uma extensão da comunidade de Lagoa dos Neres. Posteriormente foi dividida e hoje é conhecida como Lagoinha dos Potiguara. Essa guerreira não tinha “papas na língua” e gostava de ser justa,

¹⁴ GROSSEIRO: Palavra utilizada pelos mais velhos para definir o básico de alimento dentro.

mesmo sem saber ler e nem escrever, contribuiu de forma significativa para a educação escolar indígena na aldeia Lagoinha dos Potiguara. Participava ativamente das ações desenvolvidas e ajudava com o pouco que tinha para que as crianças que estudavam em seu quartinho cedido para sua filha lecionar, tivessem um lanche todos os dias.

Quando a escola foi construída ao lado de sua casa, ela ia todos os dias aguar o jardim, que lá foi plantado. As plantas eram lindas e quem passava por lá elogiava, mais quando Dona Belinha faleceu o jardim murchou e mesmo sendo aguada com a mesma constância, nunca mais foi o mesmo.

6. CONCLUSÃO

O presente texto refletiu sobre a educação diferenciada, onde trabalhou a temática das rezadeiras e sua importância cultural para a disciplina de arte, expressão corporal, cultura e espiritualidade indígena. Abordou em seus tópicos a importância de se trabalhar temáticas como essa na parte diversificada, para garantir aos alunos um amplo conhecimento da cultura indígena e ao mesmo tempo trabalhar a valorização tanto das histórias dos troncos velhos, quanto a questão de registrar esses momentos.

O trabalho teve como principal objetivo valorizar pessoas dotadas de grande sabedoria, mas que estão sendo deixadas de lado pela sociedade que tanto prestou serviço voluntário. E apresentou algumas reflexões acerca de fatos históricos dos primeiros contatos dos nativos desta Terra com a educação e como hoje a educação escolar indígena está sendo uma fonte importante para o resgate dos saberes.

Neste contexto se faz necessário a junção dos conhecimentos e das práticas educacionais pelo bem maior, que são os aprendizados dos estudantes indígenas e o resgate da cultura e das manifestações intrínseca a cada povo. Não permitindo que os saberes sejam novamente silenciados. É por isso e por tantas outras questões que os povos originários lutam pelos seus direitos a manifestar suas tradições e cultura vivenciada dentro e fora das aldeias.

A educação escolar indígena tem um papel fundamental nesse processo de resgate dos saberes ancestrais, pois está em contato direto com as novas gerações de indígenas que já nascem em um meio globalizado e repleto de tecnologias que de um modo geral acaba afastando essas crianças e jovens indígenas de sua própria cultura, sendo atualmente uma tarefa difícil fazer com que construam suas próprias identidades de acordo com a cultura e espiritualidade de seu povo.

Para a atual situação em que os povos indígenas do Brasil enfrentam, levar os sábios mais velhos para dentro das unidades de ensino ou sair dos muros da escola com os alunos para visita-los e ouvi-los é de suma importância, para que rezadeiras, benzedadeiras, curadores, pajés e caciques existam no futuro e que as tradições se consolidem cada vez mais, dentro dos costumes e crenças pertencentes a cada povo originário desta Terra. Por esse e por tantos outros motivos essa disciplina específica para as escolas indígenas se faz tão necessária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tereza Cristine Cruz. Educação indígena sob a tutela da legislação: o desafio da afirmação étnica e cultural. In: VASCONCELO, J.G, SOARES, E.L.R, CARNEIRO, Isabel M.S.P. Entre tantos: Diversidade na Pesquisa Educacional. Fortaleza, UFC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, **Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretária de Educação Profissional e Tecnológica**. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares da Educação Básica /Ministério da Educação. Secretaria da Educação Integral. Brasília : MEC, SEB, DICEI, 2003.

CAVALCANTE, Jon Anderson Machado. **A espiritualidade nas relações intergeracionais dos Tremembé em Itarema – Ceará**. 2016. 335f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2016.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Secretaria da Educação. **Guia de Digitação do SISPAIC**. Fortaleza-Ce, 2015.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um Xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOPES, Edinéia Tavares; CARVALHO, Jailda Evagelista do Nascimento. **A Educação Indígena e Suas Contribuições para os Saberes Escolares na Perspectiva do Povo Indígena Kiriri**. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, vol.8, Jul-Dez de 2010.

OLIVEIRA, Emanuelle. **Educação Indígena**. Educação Indígena Infoescola. 2006. Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/educacao-indigena/>.

PESSOA, Fernanda. **Legislação Educacional**. [S.l]. ed. RCN. 2005.